

A "guerra cultural" neofascista no Brasil: entre o neoliberalismo e o nacional-bolchevismo

Francisco Thiago Rocha Vasconcelos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Redenção - Ceará - Brasil

fvasconcelos@unilab.edu.br

Resumo: O presente artigo aborda o pensamento político de extrema-direita no Brasil contemporâneo tendo como marco a influência do *Tradicionalismo*, concepção reacionária de mudança social, na orientação de debates e ações relacionadas à transformação da cultura e da política. Na primeira seção, apresentamos as origens do *Tradicionalismo*; na segunda, refletimos o debate que opõe a corrente neoliberal e a corrente totalitarista; e, na terceira e na quarta, analisamos a inserção das duas correntes no debate político brasileiro, através de suas principais plataformas de propaganda na internet, a saber, Mídia Sem Máscara, Brasil Paralelo e Nova Resistência.

Palavras-chave: Neofascismo. Tradicionalismo. Neoliberalismo. Guerra cultural.

Introdução

A partir do final da 2ª Guerra Mundial e à medida que pautas progressistas e de direitos humanos avançaram internacionalmente, cada vez mais foram sendo gestadas reações de grupos identificados com a agenda conservadora, política e moral, à direita. Este pensamento, contudo, durante todo o século XX, esteve situado às margens do debate acadêmico e público, desarticulado entre um conjunto de grupos com pautas específicas, desde o neofascismo, o supremacismo branco, o anticomunismo, o cristianismo conservador e até mesmo as religiosidades esotéricas. Atualmente, entretanto, estes grupos conseguiram convergir, sendo base de atuação e institucionalização da política, afirmando valores antimodernos e antiliberais em táticas

de "revisionismo" histórico no interior de uma estratégia de "guerra cultural"¹ que fundamenta movimentos "neofascistas" e formas de governo populistas de direita².

Neste cenário, a tese do "choque de civilizações" (HUNTINGTON, 1997) é apropriada como importante referência teórica explicativa dos conflitos entre Estados, no século XX, por abandonar as explicações de natureza político-econômica, em favor de interpretações que buscam, sobretudo após o fim da Guerra Fria e do 11 de setembro de 2001, centralizar o debate nas questões étnico-religiosas³, sustentando-se, assim, uma narrativa não apenas geopolítica, mas também moral e religiosa, em que os Estados Unidos emergem como guardião dos valores cristãos frente a uma Europa em decadência multicultural e um Islã terrorista. Herdeiro da coalização neoconservadora do governo Reagan (1981-1989), o governo Bush (2001-2009), foi o mais representativo desta linha de pensamento, requeitando a defesa do criacionismo, a contestação da teoria da evolução das espécies e a promoção da "guerra ao terror" como cruzada cristã moderna (LACERDA, 2019).

Assim, o paradigma do "choque de civilizações", apesar das críticas, tornou-se referência para o pensamento político-estratégico de uma geopolítica moral e civilizacional à direita nos anos vindouros, sobretudo nos governos Bush, Obama e Trump. Nesse contexto, a tese do confronto com o mundo islâmico tornou-se, para os Estados Unidos, uma prévia para o combate com o mundo chinês (MEYSSAN, 2004) e

¹ A expressão "guerra cultural" é utilizada neste artigo como um conceito que expressa o sentido de uma tática *sui generis* de disputa por hegemonia na sociedade civil, desenvolvida por uma apropriação do legado de Antonio Gramsci a partir da extrema direita ou direita iliberal francesa, deitando raízes especialmente na produção de Alain de Benoist e seu "gramscismo de direita" (BENOIST, 1979; cf. também FANA, 2020). A origem da expressão é antiga e controversa, mas se popularizou a partir dos Estados Unidos através da publicação de *Culture Wars*, de James Davison Hunter, em 1991, descrição do embate entre duas visões de mundo antagônicas: "uma conservadora (também chamada de ortodoxa ou tradicionalista), associada à direita política, e outra progressista, relacionada, predominantemente, às esquerdas, mas não só. A guerra cultural traz em seu bojo problemas de ordem social e moral que dizem respeito, por exemplo, à sexualidade, ao comportamento, à raça, à religiosidade etc., implicando ainda questões políticas e econômicas" (SANTOS, 2021, p. 181).

² Embora aleguem ultrapassar a divisão esquerda e direita, temos consciência que há várias formas de nomeá-los, a saber, neofascismo, direita alternativa, tradicionalistas, neorreacionários, iluministas das trevas, populistas de direita; contudo diante da falta de consenso e de constantes redefinições, utilizamos da expressão "extrema-direita", por suas posições mais radicais em defesa da ordem tradicional nos costumes e mais afastadas dos grupos oficiais político partidários, conformados às regras dos sistemas democráticos. Esta variedade de conceituações exemplifica como a extrema-direita tem se modificado após 1990, a exemplo da Frente Nacional Francesa, que em seus 50 anos de história, foi do ultraliberalismo econômico em 1980, para o fortalecimento do Estado, ampliação do welfare state e rompendo com o antissemitismo ao se tornar pró Estado de Israel.

³ Os conflitos mais significativos do futuro ocorreriam em decorrência da cisão cultural que separa as civilizações em: ocidental, confuciana, islâmica, hindu, japonesa, eslava ortodoxa, latino-americana e, possivelmente, africana. Cf. (HUNTINGTON, 1997).

as negociações geopolíticas com a Rússia, de parte a parte, tornaram-se um fator fundamental no equilíbrio internacional, junto com o futuro da União Europeia, cada vez mais em processo de fragmentação.

Ao mesmo tempo, a expansão de discursos e políticas inspiradas no multiculturalismo identitário e descolonial passa a ser rejeitada sob a acusação de ser a responsável por criar uma nova clivagem, de dimensão político-cultural, dividindo os "dois Ocidentes" a partir da disseminação de valores e grupos considerados "antitradicionais" e defensores do "globalismo liberal", este, por sua vez, representado em instâncias multilaterais como a ONU e a Comunidade Europeia. Com isto, renovou-se o choque interno no próprio Ocidente que ganhou expressão em dois movimentos principais: o nacionalismo xenófobo e suas políticas de combate à imigração e a "guerra cultural", através da contestação da ciência e da mídia oficial, da criação de mídias alternativas, da disseminação de teorias da conspiração e de *fake news*.

Neste artigo, analisamos como, no Brasil, vem repercutindo produções sintonizadas com esses movimentos internacionais da autointitulada Direita Alternativa. Na primeira seção, apresentamos as origens do *Tradicionalismo*; na segunda, refletimos o debate que opõe a corrente neoliberal e a corrente totalitarista; e, na terceira e na quarta, analisamos a inserção das duas correntes no debate político brasileiro, através de suas principais plataformas de propaganda na internet, a saber, Mídia Sem Máscara, Brasil Paralelo e Nova Resistência.

O *Tradicionalismo* e suas divisões no Brasil

O *Tradicionalismo* insere-se no longo desenvolvimento do pensamento reacionário e irracionalista sobre a modernidade⁴ (TEINTELBAUM, 2020a). Para alguns, ele foi iniciado como resposta à revolução francesa e teve como maior expressão política o fascismo (AUGUSTO, 2017); para outros (VAZ, 2018), ele se liga também ao desenvolvimento particular do gnosticismo, crença milenar, em geral conflitante com o

⁴ "Os Tradicionalistas aspiram a ser tudo que a modernidade não é – comungar com o que eles acreditam serem verdades e estilos de vida transcendentais e atemporais, em vez de buscar o "progresso". Alguns Tradicionalistas trabalham seus valores em um sistema de pensamento que vai muito além da divisão política moderna de esquerda ou direita: alguns até dizem que esse sistema está além do fascismo. Consequentemente, esse sistema infundiu o pensamento de propagadores da direita anti-imigração, populistas e nacionalistas, e o fez de maneira estranha. É anticapitalista, por exemplo, e pode ser anticristão. Condena o Estado-nação como uma construção modernista e admira aspectos do islã e do Oriente em geral" (TEINTELBAUM, 2020a, p. 20).

desenvolvimento do cristianismo na história europeia. Não se trata propriamente de uma ideologia apenas conservadora e/ou reacionária, pois, a busca pela mudança é entendida como restauração do passado tal como existiu, mas através da afirmação de um passado mítico⁵, a ser instaurado no futuro como solução aos conflitos do presente pela via da mudança radical e revolucionária (LUCKÁCS, 2009).

Dois intelectuais são as referências principais do *Tradicionalismo*: René Guénon⁶ e Julius Evola⁷ (TEINTELBAUM, 2020a), que influenciaram as experiências do fascismo e do nazismo. Entretanto, não seria correto identificar todo o pensamento dos dois intelectuais com a realidade concreta desses regimes históricos, especialmente Guénon, cuja perspectiva era mais afastada do envolvimento com a política. Evola, por outro lado, contestará a sua filiação ao fascismo e ao nazismo e defenderá, em "O fascismo visto da direita política" (EVOLA, 2020), que estes regimes teriam cumprido apenas parcialmente com a concretização dos valores defendidos, aliando-se a valores terrenos e se corrompendo. Estão, nesse sentido, no fascismo e para além do fascismo, como expressa Umberto Eco a respeito do *fascismo eterno* ou *Ur-fascismo* (1995).

Embora, de modo geral, os intelectuais ligados ao *Tradicionalismo* procurem manter certa distância de cargos oficiais em governos, como forma de liberdade de ação e reserva moral de condução profética para a construção do projeto de mundo que defendem⁸, eles tornaram-se centrais na condução da política contemporânea:

⁵ " 'Para um autêntico conservador revolucionário, o que realmente conta é ser fiel não as formas e instituições do passado, mas aos princípios dos quais essas formas e instituições têm sido uma expressão particular, adequada para um período de tempo específico e em uma área geográfica específica' (EVOLA, 1989, p. 115)" (AUGUSTO, 2017, p. 7).

⁶ Guénon, francês convertido ao islamismo, elaborou as bases de uma filosofia espiritualista, baseada na crença em uma religião original perdida (a Tradição, o cerne, ou a Tradição perene), cujos fragmentos se encontram espalhados entre valores e conceitos de diferentes religiões. Para ele, bem como para os Tradicionalistas em geral, a história humana percorreria um ciclo de ascensão e decadência, caracterizado pelo domínio de diferentes castas (sacerdotes, guerreiros, comerciantes e escravos). Cf. TEINTELBAUM, 2020a e GODWIN, 2002.

⁷ Evola teria conduzido o Tradicionalismo menos para os valores orientais e mais para a direita política, tornando-se a referência mais importante desta vertente na atualidade. O seu horizonte principal ou inicial se concentrava na sociedade europeia, em um programa paradoxalmente reacionário e futurista para a formação de um "Império Pagão" europeu: uma releitura da teocracia e dos modelos aristocráticos-feudais-guerreiros de organização política, contra, ao mesmo tempo, a homogeneidade e universalismo promovidos pelo cristianismo e pelo secularismo. A modernidade, a democracia e o comunismo significavam, para ele, o período da decadência, de predominância de valores materialistas, voltados à economia, à miscigenação, ao secularismo, ao feminismo e ao hedonismo sexual. Cf. TEINTELBAUM, 2020a e GODWIN, 2002.

⁸ "O Tradicionalismo, em suas formas mais doutrinárias, não almeja mudar a sociedade, porque acredita que as mudanças mais importantes estão fadadas a acontecer devido a um ciclo cósmico de tempo. Não procura converter as massas às suas mensagens, porque as massas não devem ser celebradas ou enaltecidas" (TEINTELBAUM, 2020b).

A obra de Evola se tornou uma referência de movimentos neofascistas do pós-Segunda Guerra e passou a ganhar relevância nos últimos vinte anos entre a direita europeia e americana. As propostas de uma contrarrevolução conservadora como um movimento de elite que reponha os valores tradicionais e reorganize as instituições políticas e a economia vêm se tornando de forma crescente um movimento de influência política e ideológica significativa, especialmente após a crise de 2008. Evola é uma referência para Steve Bannon, estrategista chefe do presidente americano Donald Trump e de Alain de Benoist filósofo que é uma referência nos movimentos da 'nova direita' europeia com o Front Nacional de Marine Le Pen. No Brasil a influência de Evola no campo ideológico se dá principalmente através do astrólogo Olavo de Carvalho (AUGUSTO, 2017, p. 2).

Assim, nos últimos anos, alguns dos *Tradicionalistas*, estrategistas marginais nos círculos acadêmicos, utilizando de táticas por vezes pouco rastreáveis, lograram êxito em algumas realizações políticas recentes, a exemplo do Brexit, da política expansionista russa e das eleições de Donald Trump (EUA), de Viktor Orban (Hungria) e de Jair Bolsonaro (Brasil). Em comum, estes acontecimentos tiveram a influência, direta ou indireta, de três defensores e adeptos do *Tradicionalismo*: Steve Bannon, Olavo de Carvalho e Aleksandr Dugin⁹.

Na interconexão entre eles, é possível discernir como o paradigma do "choque de civilizações", sem necessariamente guardar fidelidade aos termos defendidos por Huntington (1997), derivou para uma estratégia geopolítica moral-tradicionalista. Cada um destes atores é um vetor de iniciativas que visam reposicionar blocos de Estados-nação em um alinhamento cultural, político e econômico cujo princípio é a retomada de movimentos políticos radicais e autoritários de direita. Emblemático desse novo cenário é o debate entre Olavo de Carvalho e Aleksandr Dugin publicado sob o título "Os EUA e a Nova Ordem Mundial" (2012) em que eles se propõem a confrontar duas perspectivas tradicionalistas sobre a geopolítica após o fim da URSS e o 11 de setembro de 2001.

Intelectual russo, nacionalista e cristão ortodoxo, Aleksandr Dugin¹⁰ tem atuado como consultor informal de Vladimir Putin e defendido uma estratégia eurasiana

⁹ Há uma disputa interna sobre cada um destes atores serem considerados "*Tradicionalistas* autênticos" ou não, mas optamos por trabalhá-los inicialmente em um mesmo conjunto, apesar de suas diferenças, seguindo o argumento de Teintelbaum, 2020a.

¹⁰ "Alexandre Dugin nasceu em 7 de janeiro de 1962 em Moscou dentro de uma família de militares. No começo dos anos 80, sendo um dissidente do regime comunista – que estava então em plena decadência –, entrou em contato com pequenos grupos tradicionalistas e com círculos político-literários de Moscou. [...] Após a desintegração do sistema soviético, no começo dos anos 90, criou a Associação Arctogaya, o Centro de Estudos Metaestratégicos e depois as revistas Milyi Angel e Elementy, que existiram até 1998-99 respectivamente. Suas ideias foram influenciadas, a partir dos anos 80, pela "Nova Direita" europeia e principalmente por Alain Benoist [...] Dugin [...] é líder do Movimento Eurasiano Internacional e diretor do Centro de Pesquisas Conservadoras da Faculdade de Sociologia da Universidade Estatal de Moscou" (DUGIN; CARVALHO, 2012, p. 08).

que reunifique a Rússia aos antigos territórios soviéticos e ao Irã, contra o Ocidente e a liderança dos Estados Unidos¹¹, em prol da construção de um mundo multipolar, não mais atado às tradições ocidentais. Como pressuposto ideológico, Dugin se inspira no Nacional-Bolchevismo¹², base para a "Quarta Teoria Política", como solução para a atualidade a partir da seleção de características específicas de conhecidos modelos totalitários, aos quais ele inclui o Socialismo:

Se livrarmos o socialismo de suas características materialistas, ateias e modernistas, e se rejeitarmos o racismo e os estreitos aspectos do nacionalismo presentes nas doutrinas da Terceira Via¹³, chegaremos a uma ideologia política completamente nova. Chamamo-la "Quarta Teoria Política", uma vez que a primeira foi o liberalismo, que confrontamos essencialmente; a segunda, a forma clássica de comunismo; e a terceira, o nacional-socialismo ou fascismo. A elaboração dessa teoria começa no ponto de intersecção entre as diferentes teorias políticas antiliberais do passado (o comunismo e as teorias da Terceira Via). E assim desembocamos no Nacional-Bolchevismo, que representa o socialismo sem materialismo, ateísmo, progressismo e Modernismo, assim como uma Terceira Via sem racismo ou nacionalismo. (DUGIN; CARVALHO, 2012, p. 117).

Em prol da consolidação da "Quarta Teoria Política" e pela defesa de uma "revolução conservadora" e tradicionalista, Dugin propõe a união entre as civilizações orientais "contra o Demiurgo mau, criador de um mundo condenado", ou seja, o Ocidente e o mundo unipolar liderado pelo "Império dos Estados Unidos":

Ideologicamente a unipolaridade é baseada em valores do Modernismo e do Pós-Modernismo, valores esses que são anti-tradicionais. Compartilho da visão de René Guénon e Julius Evola, que consideravam a Modernidade e sua base ideológica (o individualismo, a democracia liberal, o capitalismo, o "confortismo" e assim por diante) como sendo a causa da futura catástrofe da humanidade, e o domínio das atitudes ocidentais como a razão da degradação final do planeta. O Ocidente está se aproximando de seu fim e não deveríamos permitir que ele levasse consigo ao abismo todo o resto. Espiritualmente, a globalização é a criação da Grande Paródia, o reino do Anticristo. E os Estados Unidos são o centro de sua expansão. Os valores americanos pretendem ser universais. Essa é a nova forma de agressão ideológica contra a multiplicidade de culturas e de tradições ainda existentes em outras partes do mundo. Eu sou resolutamente contra os valores ocidentais, essencialmente modernistas e pós-modernistas e que são promulgados pelos Estados Unidos à força ou por invasão (Afeganistão, Iraque, hoje a Líbia, amanhã a Síria e o Irã). (DUGIN; CARVALHO, 2012, p. 116).

¹¹Tal estratégia possibilitaria a unificação das civilizações telúricas, baseadas na terra, contra as civilizações atlânticas. Para Dugin, a oposição entre civilizações telúricas e civilizações atlânticas seria mais completa que a polaridade trabalho x capital.

¹² Ideologia que remonta a Ernst Niekische e Ernst Jünger, que apontavam para uma convergência Político-estratégica entre a Rússia e a Alemanha na primeira guerra mundial

¹³ O fascismo e o nazismo na perspectiva de Julius Evola.

Olavo de Carvalho¹⁴, por sua vez, embora dialogue com a mesma matriz de pensamento *Tradicionalista*, rejeita a estratégia eurasiana, pois, ela seria expressão da *húbris* revolucionária, e, portanto, produto da modernidade. Ao contrário de Dugin, Carvalho enxerga o Ocidente dividido entre a hegemonia do "globalismo liberal" - coordenado pelo "Consórcio", uma "organização de grandes capitalistas e banqueiros internacionais, empenhados em instaurar uma ditadura mundial socialista" (CARVALHO, DUGIN 2011, p. 48) -, e formas tradicionais de vida que resistiriam a essa hegemonia, a exemplo dos cristãos nos Estados Unidos cuja base de valores, segundo ele, seria, ao mesmo tempo, individualista, contrária à intromissão do Estado e solidária. Em sua interpretação, os Estados Unidos também seriam vítimas de um processo de infiltração globalista de comunistas, representados não apenas pelos grandes bilionários, mas por políticos de "esquerda", como o ex-presidente Obama. Contrapondo uma América globalista a uma verdadeira América, afinada às ideias do "nacionalismo conservador americano", Carvalho entende que os Estados Unidos, na verdade, comporiam, ao lado da nação judaica, um grupo dominado pelas forças hegemônicas do globalismo, qual sejam, "os militaristas russo-chineses, os oligarcas ocidentais e os apóstolos do Califado Universal". Ele conclui que "Os EUA não são o centro de comando do projeto globalista, mas, ao contrário, sua vítima prioritária, marcada para morrer"¹⁵ (CARVALHO, DUGIN, 2011, p. 54).

Olavo de Carvalho, nesse sentido, apoia movimentos protofascistas ao mesmo tempo em que condena explicitamente o que chama de "totalitarismo soviético". Na verdade, imbuído de um aristocratismo de fundo "espiritualista" que preza o valor do indivíduo não conformista e autônomo, Carvalho, possivelmente, adota posicionamento intelectual similar ao de Mises (2002) sobre o fascismo cuja aprovação de regimes autoritários deve ocorrer apenas quando encetados por "ditaduras emergenciais" e em nome de movimentos revolucionário-conservadores¹⁶. Neste complexo jogo de

¹⁴ Astrólogo e autointitulado filósofo tornou-se famoso por seu ativismo em redes sociais, influenciando militantes de extrema-direita e tornando-se um dos principais consultores e articulistas políticos do governo Jair Bolsonaro (2018 - 2022).

¹⁵ Algumas teses aproximam Olavo de Carvalho de Steve Bannon, a exemplo do apoio ao magnata Donald Trump como liderança capaz de protagonizar uma luta contra o globalismo liberal e a favor da classe trabalhadora tradicionalista – que Bannon tende a confundir com os trabalhadores brancos, em um deslize sintomático do flerte com correntes de opinião supremacistas brancas (TEITELBAUM, 2020). Ele se aproxima também do pensamento de Huntington sobre a necessidade de preservar o legado cristão estadunidense contra a "invasão latina" (BOTELHO, 2009).

¹⁶ Para Mises, o fascismo bem como as ditaduras, de modo geral, seriam experiências bem-intencionadas, salvadoras da "civilização europeia", um "improviso emergencial" (MISES, 2002, 51). Com a derrota do fascismo e no contexto da Guerra Fria, Mises passa a entender o fascismo como uma forma

aparentes contradições e antagonismos, há, no entanto, compatibilidade entre o argumento civilizacional, o Tradicionalismo e o neoliberalismo, tendo em vista o fundo aristocrático comum, contido na ideia reduzida de democracia que remonta, em sua origem, a intelectuais apoiadores do fascismo (AUGUSTO, 2017). O apoio a governos iliberais (MOUNK, 2019), com senso de identidade transnacional (DA EMPOLI, 2019), surgiria como forma emergencial de conservação da ordem capitalista em um Ocidente dividido e ameaçado.

O autointitulado filósofo apresenta, então, sua estratégia de ação cuja base se assenta em três teses fundamentais: 1) o metacapitalismo como fase histórica do capitalismo em que os donos de grandes fortunas, ao constituir uma nova aristocracia capaz de conter a "mão invisível" do mercado, transformaram-se em agentes históricos de primeiro plano; 2) o marxismo como cultura cujo sistema de valores, ao mesmo tempo em que estrutura o imaginário coletivo, parasita as culturas nacionais; 3) o predomínio da mentalidade revolucionária sobre a mentalidade tradicional desde o início da modernidade como malefício que justifica atos sem valor moral em nome de ideais.

Ao compararmos as perspectivas de Carvalho e Dugin, há uma série de divergências que os torna concorrentes. A primeira, e mais óbvia, é o comprometimento de cada um com os valores e a política dos Estados Unidos ou da Rússia. Ao mesmo tempo em que parecem reeditar a antiga polarização da Guerra Fria, são outros os termos do conflito: trata-se de diferenças "civilizacionais" entre diferentes "tradições espirituais" a serem preservadas de um inimigo comum: o "globalismo liberal". O anticomunismo, entretanto, continua sendo uma bandeira de luta na perspectiva de Carvalho, englobando desde a crítica ao modelo político da antiga URSS e da China atual, como também qualquer valor alinhado à esquerda. Este viés é similar ao da defesa do neoliberalismo feita por Hayek (1987) contra qualquer política de regulação social pelo Estado e é ele um dos principais contrastes com Dugin, em sua intenção de se apropriar criticamente do legado dos modelos de "sociedade fechada"¹⁷, o que o torna um crítico do neoliberalismo como uma das faces do globalismo que condena.

de estatismo ou totalitarismo, igualando as experiências do fascismo, do nazismo e do stalinismo, em contraste com o mundo do livre mercado e da democracia. Dessa forma, em sintonia com Hayek, em *O Caminho da Servidão* (1987), governos comprometidos com políticas intervencionistas e de planejamento conduziram inevitavelmente ao socialismo, razão pela qual dirigem suas críticas ao Estado de bem-estar social.

¹⁷ Dugin se inspira na distinção entre sociedades abertas e sociedades fechadas, proposta por Karl Popper (1987) para legitimar as sociedades do segundo tipo.

Estas diferenças se expressam, por exemplo, nas visões sobre governos na América Latina, cuja marca é o intervencionismo estatal, de inspiração socialista ou nacionalista, a exemplo de Cuba e da Venezuela. Enquanto para Carvalho, estes seriam governos a ser combatidos em prol da libertação da sociedade; para Dugin, trata-se de modelos adequados à cultura política da região e importantes para a construção da sua proposta. Assim, em suas táticas de *metapolítica*¹⁸, cada um a seu modo, passou a atuar como ideólogos e consultores, com base em estratégias comunicativas de cisão entre esquerda/direita através da canalização da revolta e da fúria contra os sistemas políticos, com o suporte de especialistas em *big data* e redes de compartilhamento e mídias alternativas na internet¹⁹.

No caso específico de Carvalho, através do Mídia Sem Máscara e projetos associados, como o Brasil Paralelo, ele tem atuado de maneira constante no apoio ao governo Jair Bolsonaro, por meio do Nova Resistência.

O Mídia Sem Máscara²⁰

Fundado em 2002 com o objetivo declarado de desmascarar o "viés esquerdista" da mídia brasileira que distorceria fatos e notícias, o Mídia Sem Máscara, em contrapartida, forneceria informações supostamente isentas e verdadeiras. Longe, no entanto, de uma ideia de objetividade e neutralidade, a plataforma se constitui, por um lado, em manancial de notícias direcionadas como propaganda contra a diversidade política e étnico-cultural; e, por outro, como estoque de teorias conspiratórias para a construção de inimigos internos e externos, a exemplo do islã, da população LGBTQIA+, do feminismo, do movimento indígena, do comunismo, do movimento negro, entre outros convenientes ao "antiesquerdismo" de cada momento.

¹⁸ "Metapolítica, de modo geral, é o ativismo político conduzido por meios pouco ortodoxos. É a crença de que para formar valores políticos em uma sociedade, você não deve tornar-se um político, mas, em vez disso, um poeta, um ator, um músico, um educador ou um jornalista, pois são eles que criam a nossa visão de mundo. Os políticos simplesmente reagem a isso. A metapolítica tem pouca conexão formal com o Tradicionalismo, mas ambos são populares em alguns círculos intelectuais de extrema-direita. E pode haver uma razão para o interesse despertado por ambos, porque tanto a estratégia da metapolítica quanto a ideologia embutida no Tradicionalismo rejeitam o sistema político eleitoral democrático (relembrando que para os Tradicionalistas explicações oficiais de todos os tipos estão fadadas a estar erradas na modernidade). Pode ser por essa razão que as figuras políticas inspiradas pelo Tradicionalismo estão exageradamente envolvidas nos meios de comunicação e nos intelectuais" (TEITELBAUM, 2020b) Cf. GALEOTTI; RODRIGUES; RODRIGUES, 2020.

¹⁹ Inspirado na estratégia de Steve Bannon na montagem do site Breitbart News (DA EMPOLI, 2019).

²⁰ <https://midiasemmascara.net/>

O movimento veicula matérias e notícias internacionais, mas os principais articulistas são brasileiros (jornalistas, advogados, professores) que agem no sentido de propagar ideias mais gerais sobre política, de maneira ampla, em conexão com discussões sobre arte, saúde e estilo de vida. Um breve passeio por sua página pode nos demonstrar que nos últimos dois anos destacam-se, por exemplo, notícias sobre: a atuação da KGB, a crítica às fraudes do discurso racial, o terrorismo islâmico em escolas francesas, as semelhanças entre o nazismo e a esquerda radical, a defesa do Estado de Israel, a condenação de políticos aliados do "globalismo liberal", o apoio aos governos Donald Trump e Jair Bolsonaro, o combate ao aborto, a defesa da masculinidade, a afirmação do cristianismo como solução à influência do maio de 68, a crítica ao *lockdown* como medida preventiva contra a pandemia de COVID-19 e a defesa da eficácia científica da cloroquina e da ivermectina contra o novo coronavírus. Trata-se de uma rede não partidária interessada em mudar mentalidades e orientar ações coletivas, de massas, através de teses revisionistas, na verdade negacionistas, que apresentamos a seguir²¹.

A primeira e mais evidente tese, que justifica a própria existência do Mídia Sem Máscara, é a do "controle esquerdista da mídia" que ocultaria temas e distorceria notícias amplamente. Deste modo, não se trataria, portanto, de algo localizado e restrito a militantes e partidos, mas consolidado em todos os meios da mídia desde os anos 1970²². Com base no desconhecimento sobre a história mundial, as mídias e o sistema universitário propagariam visões favoráveis a uma transição gradual do esquerdismo ao comunismo, através do "marxismo cultural"²³ e do que concebem como "tática gramscista de infiltração no Estado":

A geração que, derrotada pela ditadura militar, abandonou os sonhos de chegar ao poder pela luta armada e se dedicou, em silêncio, a uma revisão de sua estratégia, à luz dos ensinamentos de Antonio Gramsci [...] Com Gramsci ela aprendeu que uma revolução da mente deve preceder a revolução política;

²¹ Para uma abordagem mais detalhada dos aspectos indicados nas próximas seções, cf. CRUZ, 2019.

²² "A corrente que nos domina hoje é constituída da totalidade da oposição esquerdista dos anos 70, que se diversificou em agremiações distintas para poder mais facilmente dominar o conjunto sem dar uma impressão demasiado flagrante de controle monolítico". Cf. <https://midiasemmascara.net/quem-somos/>

²³ "Quanto à origem do termo 'marxismo cultural', pode-se dizer que surgiu nos EUA, durante os anos 1990, nos círculos políticos da direita religiosa, sendo seus principais divulgadores, William Lind, Paul Weyrich, Pat Buchanan e o Free Congress Foundation. Segundo os defensores dessa tese conspiratória, vários elementos presentes na cultura política norte-americana desde o final do século XX – como defesa dos direitos humanos e civis para as diferentes 'minorias' (homossexuais, negros, imigrantes), multiculturalismo, Estado laico, humanismo crítico, estudos de gênero, ambientalismo e feminismo – seriam uma 'guerra ideológica' contra os valores, a cultura e a sociedade norte-americana. Essa guerra seria o resultado da ação subversiva dos intelectuais marxistas organizados em torno da 'Escola de Frankfurt', que migraram para os Estados Unidos ao longo dos anos 1930 para fugir da Alemanha nazista, principalmente Theodor Adorno e Max Horkheimer, judeus e marxistas" (CRUZ, 2019, p.233).

que é mais importante solapar as bases morais e culturais do adversário do que ganhar votos; que um colaborador inconsciente e sem compromisso, de cujas ações o partido jamais possa ser responsabilizado, vale mais que mil militantes inscritos. Com Gramsci ela aprendeu uma estratégia tão vasta em sua abrangência, tão sutil em seus meios, tão complexa e quase contraditória em sua pluralidade simultânea de canais de ação, que é praticamente impossível o adversário mesmo não acabar colaborando com ela de algum modo, tecendo, como profetizou Lênin, a corda com que será enforcado. A conversão formal ou informal, consciente ou inconsciente da intelectualidade de esquerda à estratégia de Antonio Gramsci é o fato mais relevante da História nacional dos últimos trinta anos (CARVALHO, 1994, p. 04).

Em suma, para eles, a direita foi "banida da cultura nacional" (CARVALHO, 2012, p. 52) e o Mídia Sem Máscara cumpriria a função de conquistá-la, através de informações, crítica de arte e análises da política e de questões comportamentais.

Uma das teses de maior sucesso é a do "nazismo de esquerda", referência bastante utilizada nas tentativas de indicar a doutrinação ideológica nas universidades e escolas por parte de professores e pesquisadores que insistiriam em associar o nazismo à direita:

O nazismo evidentemente faz parte do processo revolucionário mundial. E sobretudo o fascismo italiano era uma dissidência interna do movimento socialista. Na verdade, a palavra totalitarismo foi invenção dos fascistas italianos, e o Mussolini subscreveu, ele adotou essa palavra, ele achou bonito o totalitarismo. E ele definiu como tudo dentro do Estado, nada fora do Estado e nada contra o Estado. Então, todo esse pessoal que adora intervencionismo estatal, isso tudo é a esquerda mundial. A esquerda é isso, a esquerda é intervencionismo estatal (CARVALHO, 2019 *apud* CRUZ, 2019, p. 227).

O critério utilizado para a distinção entre esquerda e direita com base na questão da intervenção do Estado na vida social retoma as premissas de Friedrich Hayek (1987), para o qual o livre mercado está associado à democracia e a regulação social pelo Estado, na forma do Estado de Bem-Estar Social ou de planificação da economia, é a semente para o desenvolvimento do comunismo. Nesse aspecto, concordamos com Cruz (2019, p. 227) quanto aos limites do ponto de vista, que se equivoca

desconsiderando a essência de ambos os regimes e limitando-se a aspectos superficiais, como se o Estado nazista tivesse a mesma natureza de classe e se propusesse aos mesmos fins que o Estado comunista (os Estados do socialismo real). E como se o Estado não fosse absolutamente necessário também à acumulação de capital, através da sua intervenção em sociedades capitalistas voltada para garantir a propriedade privada dos meios de produção e a apropriação privada da riqueza social.

O "nazismo de esquerda" é uma das principais ações revisionistas utilizadas, junto ao revisionismo soviético. Juntas, as duas argumentações têm como objetivo defender a associação entre livre mercado e democracia contra os regimes totalitários.

Outra temática recorrente, com base no conceito de totalitarismo, é a da reconstrução da história do comunismo e do regime soviético como similar à do regime nazista em termos de dominação, perseguições e assassinatos. Uma das principais produções associadas ao Mídia Sem Máscara é o livro de Heitor de Paola, "O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial" (2008). Nesta narrativa, contrariando o discurso autoproclamado de construção de uma sociedade justa, comunistas agiriam com um plano permanente de dominação mundial. Como recurso, utilizam também da tese do coletivismo burocrático, de Bruno Rizzi, segundo a qual, na URSS, a burocracia se cristalizou como nova classe dominante, "surgindo um novo sistema de exploração, no qual a propriedade efetiva dos meios de produção era da burocracia porque esta controlava o Estado, embora não tivesse os títulos jurídicos de propriedade da velha burguesia" (CRUZ, 2019, p. 243)²⁴.

Defendendo uma visão teleológica da história da URSS, são incutidos objetivos de dominação mundial por todos os envolvidos nas formulações teóricas socialistas e comunistas, bem como nas lideranças da Revolução de Outubro de 1917, sem consideração às suas diferenças e rivalidades internas e aos contextos sociais. O próprio fim da URSS teria sido programado desde os anos 1930, com o objetivo de "iludir os ocidentais capitalistas" (CRUZ, 2019). Nesse novo contexto, segundo Carvalho (CARVALHO; DUGIN, 2011), os socialistas teriam alternado entre dois caminhos para implantar o socialismo: uma ditadura através da revolução ou um processo gradual por meio da própria institucionalidade jurídica e política da "sociedade burguesa" e seus organismos internacionais (ONU, OMS, FMI). A ideologia desse processo seria o globalismo, discurso que busca subjugar os Estados Nacionais e a liberdade individual a uma ordem dominada por bilionários e alinhada aos interesses russos e chineses. Ou seja, através da forma de regulação do capitalismo através do Estado, estaria aberto o caminho para a servidão socialista em aliança com o grande capital:

À medida que os controles estatais iam crescendo em número e complexidade, as pequenas empresas não tinham recursos financeiros para atendê-los e acabavam falindo ou sendo vendidas a empresas maiores – cada vez maiores.

²⁴ Vale considerar, contudo que "ao citar Rizzi, Paola omite que o que o autor chama de "coletivismo burocrático" não seria específico da realidade soviética, mas fruto das contradições da socialização da produção no mundo industrial moderno, pois, para ele o capitalismo também era incapaz de funcionar e sobreviver em função do alto grau de concentração e centralização da produção. Assim, a burocracia teria surgido como agente social da superação do capitalismo, formando uma nova forma de economia coletivista e burocrática que seria mais adequada ao caráter social da produção no mundo moderno" (CRUZ, 2019, p.243).

Resultado: o “socialismo” tornou-se a mera aliança entre o governo e o grande capital, num processo de centralização do poder econômico que favorece a ambos os sócios e não arrisca jamais desembocar na completa estatização dos meios de produção. Os grandes beneficiários dessa situação são, de um lado, as elites intelectuais e políticas de esquerda; de outro, aqueles a quem chamei “metacapitalistas” – capitalistas que enriqueceram de tal modo no regime de liberdade econômica que já não podem continuar se submetendo às flutuações do mercado (CARVALHO; DUGIN, 2011, p. 52).

A narrativa se articula para convencer o leitor da existência de um novo conjunto de ameaças ao livre mercado e à democracia, haja vista que o comunismo não teria se esgotado com o fim da URSS, mas estaria promovendo novas estratégias e se associando em escala global com outros grupos e ideologias.

Outra expressão do alinhamento ao pensamento neoconservador estadunidense é a condenação do Islã que, especialmente após o 11 de setembro de 2001, é acusado de pretender dominar o mundo, utilizando de ataques terroristas e da imigração em massa de muçulmanos para a Europa. Nesse jogo narrativo, o Estado de Israel é entendido como importante aliado da extrema-direita ocidental, posto que situado na linha de frente de uma resistência ao mundo árabe-muçulmano. Aqui, o argumento do “choque de civilizações” proposto por Huntington (1987) é fundamental: contra o ocidente judaico-cristão, o islamismo radical estaria aliado ao comunismo.

Na América Latina, o comunismo seria representado pelo “eixo do mal”: Cuba, de Fidel Castro; Venezuela, de Hugo Chávez e Nicolas Maduro; e Brasil, de Lula e Dilma (PAOLA, 2008). Os planos de dominação deste grupo estariam expressos nas reuniões do Foro de São Paulo, fórum de partidos e movimentos de esquerda na América Latina, que teria o objetivo de apoiar a revolução comunista mundial com a criação da União das Repúblicas Socialistas da América Latina (URSAL)²⁵. Nesse sentido, a disponibilização das atas de reunião do Foro de São Paulo parece se orientar para produzir o mesmo impacto dos Protocolos dos Sábios de Sião, suposto plano de dominação mundial judeu divulgado no período da 2ª Guerra Mundial. Articulado à denúncia dos planos do Foro está o investimento contra a integração latino-americana através do MERCOSUL e a promoção de um nacionalismo que recuse o sentimento antiamericano: “o nacionalismo brasileiro [...] se degradou ao ponto de transformar-se num antiamericanismo histriônico usado para encobrir o sacrifício da soberania nacional às exigências do globalismo” (CARVALHO; DUGIN, 2011, p. 47). O impacto político desta narrativa se

²⁵ A URSAL, na verdade, é uma invenção de Maria Lúcia Victor Barbosa, uma socióloga brasileira, que cunhou esse acrônimo para ironizar a atuação dos líderes de esquerda na América Latina contra a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). Cf.: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/critica-do-pt-sociologa-diz-que-inventou-ursal-em-2001-como-ironia.shtml>

articulará, em especial, no governo Jair Bolsonaro com o pensamento de Ernesto Araújo, Ministro das Relações Exteriores, e de Paulo Guedes, Ministro da Economia.

O Brasil Paralelo

A empresa produtora de filmes, Brasil Paralelo, é um dos principais meios de promoção da guerra cultural que sustenta o "olavo-bolsonarismo", movimento conservador-liberal brasileiro de extrema direita. Outras empresas, institutos ou veículos estão associados, mas o Brasil Paralelo é emblemático do negacionismo revisionista da história brasileira. Criada em Porto Alegre em 2016, a produtora tem como objetivo produzir conteúdo de defesa de um novo modo de fazer política e de contar a história do Brasil. Apesar da narrativa de origem ser marcada pela modéstia²⁶, a empresa sempre teve um bom "catálogo" de palestrantes em seus cursos, como Mendonça Filho (ex-Ministro da Educação), Gilmar Mendes (Ministro do STF), membros da família Bolsonaro e Olavo de Carvalho. Do mesmo modo, sua primeira série, "Congresso Brasil Paralelo", foi feita a partir de depoimentos em vídeo de personalidades do conservadorismo brasileiro²⁷. Comprovando o seu alinhamento político-ideológico, seu primeiro grande produto foi um documentário sobre a destituição do poder da presidente Dilma Rousseff, exibido em cinema de um dos maiores shoppings de Porto Alegre.

Outra produção de destaque é a série documental "Pátria Educadora" que se propõe a fazer a "maior denúncia da história" contra a educação brasileira. Em um total de três episódios, a série narra a história da educação no "Ocidente" defendendo uma divisão entre a educação "para a elevação do ser", vigente na Antiguidade e na Idade Média, e uma educação para fins utilitários, imposta pelo Estado a partir da Reforma Protestante. Em resumo, o elogio recai em um modelo de educação que repousa na capacidade de renda de cada família para a contratação dos melhores professores e na crítica à obrigatoriedade do ensino regulado pelo Estado.

O documentário prossegue ainda atacando a obra de Paulo Freire como representante de mudanças ocorridas na educação brasileira a partir da década de 1960.

²⁶ Segundo seus criadores, o Brasil Paralelo surgiu da iniciativa de um grupo de jovens que afirma manter seu empreendimento com base em assinaturas de seus projetos educativos e de forma independente em relação ao Estado.

²⁷ A exemplo de Hélio Beltrão, Olavo de Carvalho, Janaina Paschoal, Luiz Philippe de Orléans e Bragança, Luiz Felipe Pondé, Lobão, Rodrigo Constantino, Joice Hasselmann e Jair Bolsonaro.

Acontecimentos como a Revolução Cultural Chinesa e o maio de 1968 sinalizariam para uma suposta virada do “movimento socialista internacional”, que passou a considerar a “cultura” como a “verdadeira infraestrutura da sociedade”, movendo suas atenções para a “revolução cultural”. Neste cenário, Paulo Freire seria o representante desse movimento no Brasil, influente até os dias de hoje em universidades e escolas “doutrinadoras”, enquanto a ditadura militar não teria conseguido livrar as instituições de ensino e o “ovo da serpente” eclodiu com o retorno da “hegemonia da esquerda” a partir dos anos 1970. Com isto, percebe-se, de modo evidente, as ligações entre o propósito do Brasil Paralelo e de movimentos como o Escola Sem Partido.

Mas, apesar da crítica pontual à ditadura militar, a empresa promove, na verdade, uma releitura histórica com o objetivo de reabilitar o regime, através do documentário “1964: o Brasil entre armas e livros”, servindo de legitimador dos projetos políticos que atualmente governam o país (AVILA, 2019). As narrativas do Brasil Paralelo²⁸ correspondem às três teses que, de acordo com Melo (2014, p. 158), ancoram-se no revisionismo sobre a história da ditadura militar no Brasil: a primeira, que esquerda e direita foram igualmente responsáveis pelo golpe; a segunda, que havia dois golpes em curso na conjuntura de 1964; e a terceira, de que a resistência à ditadura não passou de um mito (MELO, 2014, p. 158). No mesmo sentido, a resistência é a responsável pelo endurecimento do regime, transformando a vítima em culpada pela violência que sofre. Por fim, como horizonte do Brasil Paralelo para o Brasil, os Estados Unidos aparecem como referência que não é associada à ruptura da democracia brasileira em 1964 – tal manobra reforça o antagonismo entre o “mundo livre” e o plano comunista de dominação internacional.

Mas a ditadura militar não é o único tema de reabilitação do Brasil Paralelo. A série “Brasil: a última cruzada” apresenta um conjunto de momentos do processo de construção da sociedade brasileira a partir da história da “civilização ocidental”. O apelo à ideia de Cruzada é bastante elucidativa do conteúdo ideológico de extrema-direita que embasa a série. Segundo Paulo Pachá:

A primeira coisa é entender qual é o papel da Cruzada ou dessa nova Cruzada no pensamento da extrema direita [...] Essas ideias de Cruzada e de Idade Média têm a ver com uma visão bastante idealizada e bastante parcial do que foi o período. O que atrai esses grupos é pensar que foi um tempo patriarcal, branco e cristão. Essa Idade Média nunca existiu, mas tem esse papel no pensamento desses grupos. As Cruzadas são especialmente exaltadas porque são um momento no qual esses três elementos [patriarcal, cristã e branca] estão muito bem representados. Nessa visão das Cruzadas, você teria um

²⁸ Para a narrativa sobre a ditadura militar, cf. NICOLAZZI, 2019.

movimento bélico liderado por um grupo visto como majoritariamente masculino; um elemento que envolve a questão religiosa – as Cruzadas como primordialmente um conflito religioso entre cristianismo e islamismo – e, além disso, a ideia de uma disputa plurissecular entre Ocidente e Oriente [...] Você teria uma defesa da religião cristã contra o islamismo, um movimento militar – e, aí, todas as características de masculinidade, de virilidade, de força – e essa questão Oriente versus Ocidente, que leva à construção de uma ideia de civilização ocidental (RUDNITZKI; OLIVEIRA, 2019, s/p.).

No mesmo sentido, o primeiro episódio "A Cruz e a Espada" apresenta, em uma narrativa islamofóbica, a reconquista da península ibérica do domínio árabe pelos Cavaleiros Templários e a posterior expansão colonial portuguesa como origens da principal contribuição à formação brasileira. Ao retratar a Idade Média como o verdadeiro passado da nação, legitimam-se os processos políticos e históricos do imperialismo, do colonialismo e suas repercussões na forma de racismo e intolerância religiosa; e, dessa maneira, apaga-se a importância de povos indígenas e africanos. Portugal torna-se a pátria-mãe, do qual o brasileiro herda a língua e a cultura. A escravidão africana, o tráfico atlântico de seres humanos e a colonização, por sua vez, são esvaziados de sua violência. A herança da escravização no Brasil seria simplesmente superada com "a passagem do tempo", sem questionamento profundo da estrutura de desigualdades e da sua reprodução através de privilégios.

Ressalte-se que, apesar do discurso de independência, esta série teve sua veiculação de forma gratuita pelo canal estatal TV Escola, vinculada ao Ministério da Educação, durante o governo Jair Bolsonaro²⁹. Por coincidência ou não, em 2020 a empresa lançou o documentário "Os Donos da Verdade", com o objetivo de, sob o argumento da defesa à liberdade de expressão, justificar os posicionamentos do hoje ex-ministro da educação Abraham Weintraub. No mesmo ano, houve também o lançamento do documentário "7 denúncias: as consequências do caso Covid-19", crítico das medidas de distanciamento físico e isolamento social propostos para o combate à pandemia³⁰.

Por fim, a última polêmica do Brasil Paralelo diz respeito à narrativa sobre sua própria atuação e história. A empresa tem sido criticada e exposta pela checagem de *fake news* a respeito de suposta fraude em urnas eletrônicas nas eleições brasileiras de 2018³¹.

²⁹ Em 2019 a empresa assinou contrato com a TV Escola com validade de três anos. Cf. RATIER, 2019.

³⁰ Sobre a relação entre olavismo, produção cinematográfica, empresas privadas e Estado, cf. RUDNITZKI; OLIVEIRA, 2019b.

³¹ Em outubro de 2018, durante as campanhas das eleições gerais, o grupo publicou um vídeo de notícias falsas no YouTube. Um homem identificado como Hugo Cesar Hoeschl afirmou que "estudos internacionais indicam que a probabilidade de fraude na última eleição presidencial foi de 73,14%". Essa informação foi considerada falsa. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) emitiu uma nota desmentido o que foi informado no vídeo, onde afirmou que "não há registro [...] de que o autor do vídeo tenha participado

No esforço de rebater as críticas, até mesmo o verbete wiki do Brasil Paralelo tem sido questionado pelos produtores, posto que veicula as inúmeras constatações e análises sobre como o discurso do Brasil Paralelo é negacionista, anti-intelectualista e conspiratória³².

As iniciativas do Mídia Sem Máscara e do Brasil Paralelo, portanto, fazem parte de um mesmo referencial político-ideológico, que só encontrará um rival com táticas similares recentemente: o movimento Nova Resistência, inspirado no pensamento de Aleksandr Dugin.

O Nova Resistência

No dia 27 de setembro de 2020, Henrique Carneiro e Aldo Sauda escreviam, no site Contrapoder, uma matéria cujo título é intrigante: "Híbrido entre neofascismo e stalinismo, Alexander Dugin chega ao Brasil" (CARNEIRO, 2020). Representantes de dois espectros do quadro político, direita e esquerda, respectivamente, os dois termos, fascismo e stalinismo, são conjugados, de maneira a suscitar polêmicas, apenas em defensores da tese do totalitarismo, sejam eles pensadores respeitáveis, como Hannah Arendt e Ruy Fausto (que costumava falar em "totalitarismo de esquerda e de direita", sejam pensadores não tão respeitáveis, como Olavo de Carvalho que, herdeiro da "escola" neoliberal, opõem, no discurso, o "mundo livre" aos totalitarismos³³. Na matéria, a apresentação inicial é elucidativa do desarranjo classificatório que essa aproximação promove:

Ultranacionalistas e tradicionalistas, mas contra as privatizações e a política externa vassala dos Estados Unidos. Antifeministas, antisemitas e anti-LGBTQ, mas agitadores da necessidade de uma revolução. Supremacistas brancos que se identificam com os governos autoritários da África e Oriente Médio. De inspiração mística cristã e messiânica, o Duginismo – ideologia de origem russa surgida nos anos 90 a partir da mistura entre fascismo e stalinismo na obra de Alexander Dugin – também aparece no Brasil, dentro e fora da internet. O que mais aproxima este novo fascismo eslavista e eurasianista da velha esquerda stalinista é a sua interpretação das relações internacionais, marcada pela adesão à política externa russa [...] No Brasil, denominados de Nova Resistência, são anti-lulistas, mas simpáticos a Ciro Gomes, reivindicam também os governos de Díaz-Canel, em Cuba, e de

de qualquer evento de auditoria e transparência, a exemplo dos testes públicos de segurança realizados pelo TSE e da apresentação dos códigos-fonte" [43][44].

³² «Brasil Paralelo faz 'guerra de edições' e disputa narrativas na Wikipédia». tab.uol.com.br. Consultado em 23 de fevereiro de 2021

³³ Não fazemos aqui equivalência entre as teses dos diferentes autores, mas apenas o recurso ao conceito de totalitarismo. No caso de Olavo de Carvalho, por sinal, em geral, a condenação ao totalitarismo busca ser uma condenação da esquerda, uma versão simplificada e distorcida ideologicamente quando comparada às demais.

Maduro, na Venezuela, e se diferenciam de sua matriz estadunidense, o *New Resistance*, que é abertamente pró-Bolsonaro e pró-Trump. Mas fazem uso do mesmo repertório e dos mesmos símbolos. São uma fachada de oposição anticapitalista e antiliberal com uma inclinação evidentemente de direita (CARNEIRO, 2020, s/p.).

Entretanto, apesar dos autores defenderem que o movimento possui uma "inclinação evidentemente de direita", no discurso do Nova Resistência as fronteiras entre direita e esquerda são constantemente atravessadas e borradas. Podemos citar, como exemplos, o recurso ao discurso anticolonial e revolucionário para a unificação da América Latina contra o globalismo liderado pelos Estados Unidos (DUGIN, 2020); a defesa de causas caras à esquerda, como a defesa do povo palestino e do nacionalismo; a justificação do Estado como instrumento de planejamento econômico; e, paradoxalmente, o antirracismo. Nesse sentido, estariam equivocados os colonistas do Contrapoder ao associarem o grupo ao supremacismo branco? Não necessariamente. Os autores provavelmente fazem uma relação direta entre o *New Resistance* estadunidense e o Nova Resistência³⁴, sem problematizar as razões do afastamento entre os dois que, em parte, pode ser explicado pelo uso tático do discurso antirracista como forma de colisão direta com a visão do Tradicionalismo defendida por Steve Bannon e Olavo de Carvalho. Há também, no mesmo sentido, uma recusa em se identificar com o fascismo. Como suposta evidência desta não identificação, no livro *A Quarta Teoria Política* (2012, p. 70-75), Dugin afirma:

Foi sobretudo o racismo e não alguns outros aspectos do nacional-socialismo que gerou as consequências, que levaram a sofrimento imensurável, bem como ao colapso da Alemanha e das Potências do Eixo e à destruição de toda a construção ideológica da "terceira via". A prática criminosa de varrer grupos étnicos inteiros (judeus, ciganos e eslavos) com base na raça estava precisamente enraizada na teoria racial – é isso que nos enfurece e choca em relação ao nazismo até hoje. Ademais, o antissemitismo de Hitler e a doutrina de que os eslavos são "sub-humanos" e devem ser colonizados, é o que levou a Alemanha a entrar em guerra contra a URSS (pelo que nós pagamos com milhões de vidas) [...] Foi o racismo – na teoria e na prática – que criminalizou todos os outros aspectos do nacional-socialismo e do fascismo, fazendo dessas visões de mundo políticas o objeto de insultos e vilificação [...] Como uma de suas características essenciais, a "Quarta Teoria Política" rejeita todas as formas e variedades de racismo e todas as formas de hierarquização normativa de sociedades com base em fundamentos étnicos, religiosos, sociais, tecnológicos, econômicos ou culturais".

Antes de discutirmos a adequação ou não do conceito de fascismo para classificar o movimento, temos que responder à uma questão inicial: afinal, no que

³⁴ Os integrantes do Nova Resistência, contudo, afirmam não ter qualquer ligação institucional com a *New Resistance*. Apesar da origem comum e de partilharem do mesmo símbolo e do mesmo nome, eles entendem haver divergências que os dividiram.

consiste a Quarta Teoria Política? Para seus defensores, a Quarta Teoria seria supostamente a sucessão e superação política e ideológica de três sistemas de pensamento e de hegemonia política anteriores: o liberalismo, o comunismo e o fascismo. Para Dugin, seria necessário construir uma alternativa ao liberalismo e à ideologia do progresso, retirando do comunismo e do fascismo "o que é preciso rejeitar" e "mantendo o que é valioso".

As velhas alternativas ao liberalismo – comunismo e fascismo – foram historicamente superadas e descartadas: cada uma a sua própria maneira, porém elas demonstraram sua ineficácia e incompetência. Portanto, a busca por uma alternativa ao liberalismo deve ocorrer em outro lugar (DUGIN, 2012, p. 49).

Esse "outro lugar", aparentemente, é a afirmação de "comunidades orgânicas e civilizações", no lugar de "Estados-Nações burgueses", como sujeitos históricos de um "mundo multipolar". Dugin substitui o conflito entre capital e trabalho, em que os sujeitos históricos são as diferentes classes sociais, pelo conflito entre civilizações (embora se torne difícil entender como civilizações possam ser sujeitos históricos sem uma visão hipostasiada das sociedades ou do Estado como seres com vida própria).

O Nova Resistência foi criado no Brasil em 1995, no Rio de Janeiro, com "células" espalhadas em outras cidades do país. Os seus integrantes se definem como uma "rede autônoma de dissidentes brasileiros, composta por nacional-revolucionários, eurasianistas, nacional-bolcheviques, nacionalistas de esquerda, anticapitalistas de direita e adeptos da Quarta Teoria Política", contrários a "políticas econômicas neoliberais, ao imperialismo atlantista, à agenda globalista e ao lobby sionista nas mídias e no governo", com o objetivo declarado de "recrutar e treinar uma nova classe de soldados políticos capazes de ocupar espaços nas universidades, nos sindicatos, nas forças armadas, em centros culturais e todo o resto, de modo a aglutinar a maior base popular possível". A intenção, portanto, é de formar a base para um projeto político de transformação da sociedade, em um "caminho" patriótico, conservador, trabalhista e cristão, um "quarto caminho (para) além do liberalismo, do comunismo e do fascismo" (CARNEIRO, 2020, s/p.).

O movimento não possui, pelo menos até o momento, influência político-partidária expressiva. Mas, na esfera da metapolítica, ou seja, da guerra cultural, a sua atuação é bastante produtiva. O site do grupo tem, como elementos principais, além do Manifesto do movimento, as colunas Cinema, Entrevistas, Gigantes da América Latina (seção de homenagens e história de lideranças do continente), Internacional, Literatura

e Metapolitik. No espaço deste artigo não podemos aprofundar todo o conjunto de discussões, mas tentaremos esboçar alguns dos seus eixos fundamentais. Para nosso interesse, o que se ressalta de início é o caráter abertamente crítico à Jair Bolsonaro, classificado como um dos 10 piores presidentes do país (REIS, 2020), Olavo de Carvalho (NOVA RESISTÊNCIA, 2017) e suas teses, entre elas a do marxismo cultural (MACHADO, 2021), e as narrativas do Brasil Paralelo (NOVA RESISTÊNCIA, 2017b). Através das críticas se busca fundamentar a análise do neoliberalismo e do globalismo estadunidense, dos quais o "olavo-bolsonarismo" seria um dos principais representantes no Brasil.

Em contraposição, o Nova Resistência dirige sua atenção à temas como: a denúncia da política externa estadunidense em relação à América Latina e Oriente Médio; os supostos ataques britânicos contra sistemas de informação da Rússia; a importância das alianças Rússia-China para confrontar a hegemonia dos Estados Unidos; críticas à legalização do aborto e às políticas de gênero; denúncias contra a "indústria cultural" brasileira; denúncias sobre fraudes eleitorais; crítica ao desenvolvimento tecnológico. Já antecipamos como esse conjunto de temas são alinhados em relação à uma geopolítica civilizacional que tem os países continentais, especialmente a partir da Rússia, sua matriz de referência.

Cabe agora um complemento fundamental, que articula esse conjunto de reflexões a um projeto crítico, conspiratório e apocalíptico contra o globalismo, a exigir engajamento revolucionário de seus "soldados": a tese do "Grande Reset" (DUGIN, 2021b), uma nova era planejada pela "elite global", cujo álibi para implementação foi a pandemia de COVID-19:

A elite global está discutindo uma estratégia chamada “O Grande Reset”, que exige uma reestruturação do capitalismo e do sistema pós-liberal após seu fracasso durante a crise do Corona. Para este fim, o capitalismo deve ser tornado mais sustentável a fim de manter a Sociedade Aberta viva, mas também mais repressiva, a fim de ganhar ainda mais controle sobre a vida cotidiana, e instalar um sistema de vigilância de massa (DUGIN, 2021b, s/p.). [...]

Proibição de viagem, de frequentar espaços públicos e até de usar o transporte público para quem não se vacinar. Pontuações de crédito social baseadas em uma análise de redes sociais para determinar a que serviços você pode ter acesso. Tudo isso e muito mais tem sido planejado no projeto do Grande Reset, defendido pelo Fórum Econômico Mundial para garantir o domínio total das elites no mundo pós-covid (DOCKERY, 2021, s/p.).

Nesta nova era, o ambientalismo será uma das grandes justificativas para novos controles, junto com o desenvolvimento tecnológico. Esta tese - que os autores tentam defender, com unhas e dentes, mas sem sucesso, da acusação de teoria conspiratória -

representa o norte fundamental de atuação para o "grande despertar" a ser promovido pelo movimento.

Conclusões

A partir da inspiração do *Tradicionalismo* no pensamento político de extrema direita, abordamos o desenvolvimento teórico e prático de duas tendências concorrentes de promotores de teorias conspiratórias no Brasil. Num primeiro momento, apresentamos a plataforma intelectual e política de Olavo de Carvalho, através do Mídia Sem Máscara e do Brasil Paralelo³⁵, e que tem fundamento em sua utilidade para o contexto de institucionalização do neoliberalismo após o fim da URSS, defendendo pautas como a austeridade fiscal, as privatizações, a desregulamentação da economia e dos direitos trabalhistas como mecanismos de liberdade para a iniciativa individual/empresarial e como prevenção a políticas de regulação social que conduziriam a modelos políticos burocrático-autoritários.

O cenário, entretanto, torna-se mais complexo, com a entrada da "Quarta Teoria Política", de Aleksandr Dugin, que, no Brasil, encontra-se representada no movimento Nova Resistência. Como em um espelho invertido, se o "olavo-bolsonarismo" denuncia o Foro de São Paulo e a dominação comunista mundial, o Nova Resistência apresenta a conspiração do "Grande Reset" da elite global liberal planejado pelo Fórum Econômico Mundial. Assim, embora haja pontos de contato entre o que o "olavo-bolsonarismo" critica, como as políticas de gênero e as narrativas "antissistema" de fraude eleitoral, o Nova Resistência representa a outra face da radicalização político-ideológica conspiratória no Brasil. Curiosamente, no próprio antagonismo, um movimento pode servir para comprovar a tese do oponente. Afinal, o que seria a "Quarta Teoria Política", inspirada no Nacional-Bolchevismo e na estratégia eurasiana, se não a comprovação, para os partidários de Olavo de Carvalho, das afinidades entre o nazismo e a esquerda e os planos de dominação mundial de um comunismo reinventado?

Concordamos, nesse sentido, com Patschiki (2012) e Cruz (2019) ao considerarem as duas propostas como expressão do "neofascismo" no Brasil ou do "fascismo de terceira onda"³⁶ que foram pautados por uma maior flexibilidade em relação

³⁵ Para uma descrição da rede de relações do Mídia Sem Máscara com outros grupos e páginas na internet, cf. PATSCHIKI, 2013.

³⁶ Patschiki defende a divisão do fascismo em três momentos: os fascismos de primeira onda, característicos das experiências originais italiana e alemã do início do século XX; os fascismos de segunda

aos símbolos e propostas originais e cuja performance está mais presente na tática de comunicação e prática política, baseando-se na atualização contextual de revisionismos, negacionismos e conspirações para fundamentar governos populistas de extrema direita, seja em aliança com o programa econômico neoliberal, seja com um programa estatizante. Nesse sentido, o fascismo³⁷ possuiria uma universalidade que ultrapassa suas manifestações particulares, podendo se atualizar ao longo do tempo.

No caso específico do fascismo de terceira onda do "olavo-bolsonarismo", o discurso "anticapitalista" se encontra ausente. Embora sejam feitas críticas ao "grande capital", elas não se associam ao sistema de livre mercado, mas ao que chamam de "metacapitalismo", algo que não pertenceria à essência do capital, mas que seria alimentado por alianças entre grandes capitalistas e o Estado. A sua defesa do capitalismo é feita em nome de uma utopia da livre concorrência, por vezes do "anarcocapitalismo", a ser implementado através de políticas neoliberais radicais.

Desse modo, no caso do Brasil, estes movimentos se efetivam como defensores das políticas neoliberais e como parte da reação das forças conservadoras e reacionárias da sociedade brasileira ao novo arranjo do bloco no poder após a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República, em 2002. Utilizando o anticomunismo como base ideológica, objetivam o acirramento da luta de classes e da crise permanente para incentivar uma ruptura política que assegure a reprodução capitalista em novas bases.

Ao final, resta ainda refletir: é possível definir a proposta da "Quarta Teoria Política" também como um neofascismo ou fascismo de terceira onda? Para melhor compreensão, será preciso, primeiro, retomar a ideia do fascismo como fenômeno múltiplo, que não significa a reprodução fiel do mesmo ideário. Nesse sentido, a recusa do Nova Resistência à apenas uma das características do nazismo, a ideologia racista, não é suficiente para descaracterizá-lo como fascista, tendo em vista que outras dimensões da definição ainda restam de pé: o conspiracionismo, o nacionalismo, a política de massas baseada nos sentimentos, a supremacia do coletivo e do Estado sobre o indivíduo e o mercado e, por fim, o ímpeto revolucionário baseado em ideário reacionário,

onda, surgidos na segunda metade do século XX como movimentos que buscam, de maneira por vezes nostálgica, ser fiéis à estética e às propostas originais do fascismo; e os fascismos de terceira onda.

³⁷ Em relação ao fascismo, trazemos a definição sintética de Konder (2009, p. 52): "o fascismo é uma espécie de direita, que não se confunde com os movimentos e partidos da direita tradicional, pois possui uma retórica "revolucionária", embora seja socialmente conservador, serve-se de mitos irracionais – como exemplo, o mito da nação (baseado na ideia de uma unidade fictícia, que abstrai os conflitos e as divisões sociais presentes nas sociedades) –, faz uso dos modernos meios de propaganda de massa, é chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista e antioperário".

iliberal e, ao mesmo tempo, antitecnológico e antimoderno. O Nova Resistência seria, assim, um neofascismo *sui generis*, cujas fronteiras entre as imagens cristalizadas da esquerda e da direita³⁸ se encontrem borradas de maneira particular, incidindo justamente na discussão sobre os pontos em comum entre as experiências históricas fascistas e soviética no campo comum dos totalitarismos em seus diferentes tipos (FAUSTO, 2007).

A questão da natureza destes movimentos exige uma retomada reflexiva complexa sobre as re-existências do fascismo na contemporaneidade como fenômeno político não superado. Ela exigirá ainda maior esforço interpretativo para além das classificações convencionais que defendem fronteiras inexpugnáveis entre o pensamento canônico de intelectuais comunistas e fascistas, sem recair, entretanto, em simplismos conceituais sobre o totalitarismo, nem em distorções, como o "nazismo de esquerda", ambos legitimadores de uma ideia mistificadora de capitalismo libertário.

THE NEOFASCIST "CULTURAL WAR" IN BRAZIL: BETWEEN NEOLIBERALISM AND NATIONAL-BOLSHEVISM

Abstract: This article addresses the far-right political thought in contemporary Brazil, having as a framework the influence of *Traditionalism*, reactionary conception of social change, in guiding debates and actions related to the transformation of culture and politics. In the first section, we present the origins of *Traditionalism*; in the second section, we reflect on the debate that opposes the neoliberal current and the totalitarian current; and, in the third and fourth sections, we analyze the insertion of the two currents in the Brazilian political debate, through their main platforms of propaganda on the internet, namely, Mídia Sem Máscara, Brasil Paralelo and Nova Resistencia.

Keywords: Neofascism. Traditionalism. Neoliberalism. Cultural war.

³⁸ De acordo com Bernardo (2012, s/p.): "abordar o fascismo, não o lugar-comum que as pessoas imaginam que existiu, mas aquele que existiu mesmo, é profundamente incômodo. O fascismo não foi uma corrente política e ideológica com as margens bem demarcadas, como sucede com o conservadorismo, o liberalismo ou o marxismo, mas caracterizou-se por operar cruzamentos entre opostos. Se reduzirmos a política a uma linha, o fascismo situou-se na direita da direita, mas isto ajuda mais a confundir do que a esclarecer, porque o fascismo transportou alguns dos principais temas da esquerda para o interior da direita e transportou os principais temas da direita para o interior da esquerda. Foi esta operação que lhe conferiu a sua grande novidade e ao mesmo tempo o seu enorme perigo".

LA «GUERRE CULTURELLE» NEOFASCISTE AU BRESIL: ENTRE NEOLIBERALISME ET NATIONAL-BOLCHEVISME

Resumé: Le présent article traite de la pensée politique d'extrême droite dans le Brésil contemporain ayant pour cadre l'influence du *Traditionalisme* dans l'orientation des débats et des actions liées à la transformation de la culture et de la politique. Dans la première section, nous présentons les origines du *Traditionalisme*; dans la deuxième, nous réfléchissons au débat opposant le courant néolibéral et le courant totalitaire; et, dans les troisième et quatrième sections, nous analysons l'insertion des deux courants dans le débat politique brésilien, à travers leurs principales plateformes de propagande sur Internet, à savoir, Mídia Sem Máscara, Brasil Paralelo et Nova Resistencia.

Most clès: Néofascisme. Traditionalisme. Néolibéralisme. Guerre culturelle.

Referências

AUGUSTO, André Guimarães. **Visão de mundo aristocrática e a contrarrevolução conservadora**, 2017. In: <http://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2017/anais2017/MC45/mc453.pdf>.

AVILA, Arthur Lima. Qual passado usar? A historiografia diante dos negacionismos. **Café História**, 29 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/negacionismo-historico-historiografia>. Acesso em: 05 mar. 2021.

BENOIST, Alain de. **L'idees à l'endroit**. Paris. Editions Libres Hallier, 1979.

BERNARDO, João. Alexander Dugin: o artigo que não escrevi. **Passa Palavra**, 04/09/2012. Disponível em: <https://passapalavra.info/2012/09/63916/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

BORGES, Ítalo Nelli. "O Paralelismo do Absurdo: 1964 – O Brasil entre Armas e Livros e seus Desserviços Históricos e Sociais". **Revista Expedições: Teoria da História e Historiografia**. 10 (2): 152–166, 2019.

BOTELHO, Teresa. "Quem são os americanos? O impulso neonativista de Samuel Huntington". **Relações Internacionais** (R: I), n. 24, p. 23-26, 2009.

CARNEIRO, Henrique. Híbrido entre neofascismo e stalinismo, Alexander Dugin chega ao Brasil. **Contrapoder**, 27 de setembro de 2020. Disponível em: <https://contrapoder.net/colunas/hibrido-entre-neofascismo-e-stalinismo-alexander-dugin-chega-ao-brasil/>. Acesso em: 05 fev. 2021.

CARVALHO, Olavo de; DUGIN, Aleksandr. **Os EUA e a Nova Ordem Mundial**. Um Debate Entre Alexandre Dugin e Olavo de Carvalho. Campinas: CEDET, 2012.

_____. **O Nazismo era esquerdista? E o Fascismo?** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qYqJC_Pw7nk. Acesso em 06/03/2021

CRUZ, Natalia dos Reis. "Neofascismo e conspiracionismo brasileiro: o Mídia Sem Máscara e o 'Eixo do Mal' ". **Rev. hist. comp.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 216-257, 2019.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

DOCKERY, Graham. Humanos do Grande Reset: Como será o futuro se as elites conseguirem o que querem. **Nova Resistência**, 21 de fevereiro de 2021. Disponível em: <http://novaresistencia.org/2021/02/21/humanos-do-grande-reset-como-sera-o-futuro-se-as-elites-conseguirem-o-que-querem/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

DUGIN, Aleksandr. **A Quarta Teoria Política**. Arktos Media, 2012.

_____. Dugin – A nova Colonização da América Latina. **Nova Resistência**, 21 de maio de 2020. Disponível em: <http://novaresistencia.org/2020/05/21/dugin-a-nova-colonizacao-da-america-latina/>. Acesso em: 05 fev. 2021.

_____. O Grande Reset e o Grande Despertar, Entrevista por Alexander Markovics. **Nova Resistência**, 3 de março de 2021b. Disponível em: <http://novaresistencia.org/2021/03/03/o-grande-reset-e-o-grande-despertar/>. Acesso em: 05 abr. 2021.

ECO, Umberto. **Ur-Fascism**. New York Review of books, 22 de junho de 1995.

EVOLA, Julius. **O fascismo visto da direita política**. Edição Kindle. 2020.

FANA, Marta. Os comunistas contra a máfia. **Jacobin Brasil**, 24/04/2020. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/04/os-comunistas-contra-a-mafia/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

FAUSTO, Ruy. **A esquerda difícil**: Em torno do paradigma e do destino das revoluções do século XX e alguns outros temas. São Paulo: Perspectiva, 2007

GALEOTTI, Sophie; RODRIGUES, Thaís; RODRIGUES, Victória. “Guerra pela Eternidade” desvenda a base ideológica que funda a nova direita. **Jornal da Unicamp**, 10 DEZ 2020. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2020/12/10/guerra-pela-eternidade-desvenda-base-ideologica-que-funda-nova-direita>. Acesso em: 05 mar. 2021.

GODWIN, Joscelyn. **Julius Evola, a Philosopher in the Age of the Titans**. TYR: Myth—Culture—Tradition. Atlanta, GA: Ultra Publishing, 2002.

HAYEK, Friedrich A. von. **O caminho da servidão**. 4. ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1987.

HUNTER, James Davison. **Culture Wars: the struggle to define America**. New York: Basic Books, 1991.

HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro**. Porto Alegre, RS: Ed. Zouk, 2019.

LUCKÁCS, György. "Concepção aristocrática e concepção democrática de mundo". In: **O jovem Marx e outros escritos de filosofia**. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2009

MACHADO, Raphael. Não existe tal coisa como um "marxismo cultural". **Nova Resistência**, 23 de fevereiro de 2021. Disponível em: <http://novaresistencia.org/2021/02/23/nao-existe-tal-coisa-como-um-marxismo-cultural/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

MELO, Demian. "O golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão". In: MELO, Demian (Org.) **A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

MEYSSAN, Thierry. **Um plano para ampliar a supremacia americana: O choque de civilizações**, 2004. Disponível em: <https://www.voltairenet.org/article161066.html>

MISES, Ludwig von. **Liberalism in the classical tradition**. São Francisco, Cobden Press, 2002.

MOUNK, Yasha. **O povo contra a democracia – porque nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NICOLAZZI, Fernando. A história da ditadura contada pelo Brasil Paralelo (por Fernando Nicolazzi). **Sul21**, 23 de março de 2019. Disponível em: <https://sul21.com.br/opinioao/2019/03/a-historia-da-ditadura-contada-pelo-brasil-paralelo-por-fernando-nicolazzi/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

NOVA RESISTÊNCIA. Destruindo o Brasil Paralelo. **Nova Resistência**, 3 de novembro de 2017b. Disponível em: <http://novaresistencia.org/2017/11/03/destruindo-o-brasil-paralelo/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

_____. Em carta aberta, filha de Olavo de Carvalho expõe a conduta aberrante do guru da direita liberal. **Nova Resistência**, 17 de setembro de 2017. Disponível em: <http://novaresistencia.org/2017/09/17/em-carta-aberta-filha-de-olavo-de-carvalho-expoe-a-conduta-aberrante-do-guru-da-direita-liberal/>. Acesso em: 05 fev. 2021.

PAOLA, Heitor de. **O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial**. São Paulo: Editora É Realizações, 2008.

PATTSCHIKI, Lucas. **Os Litorais da nossa Burguesia: O Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2011)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012.

_____. Fascismo e internet, uma possibilidade de análise social através das redes extrapartidárias: o caso do "Mídia Sem Máscara". **Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina**, 2013.

POPPER, Karl. **A Sociedade Aberta e Seus Inimigos**. São Paulo: Ed. Itatiaia/USP, 1987.

PICOLI, Bruno; CHITOLINA, Vanessa; GUIMARÃES, Roberta. "Revisionismo histórico e educação para a barbárie: A verdade da 'Brasil Paralelo' ". **Extensão e Cultura**, 29 de outubro de 2020.

RATIER, Rodrigo. TV ligada ao MEC traz História preconceituosa, diz especialista. **Ecoa Uol**, 16/12/2019. Disponível em: <https://rodrigoratier.blogosfera.uol.com.br/2019/12/16/tv-ligada-ao-mec-traz-historia-preconceituosa-diz-especialista/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

REIS, André Luiz dos. Os 10 PIORES presidentes da história do Brasil. **Nova Resistência**, 27 de abril de 2020. Disponível em: <http://novaresistencia.org/2020/04/27/os-10-piores-presidentes-da-historia-do-brasil/>. Acesso em: 05 fev. 2021.

RUDNITZKI, Ethel; OLIVEIRA, Rafael. "Deus vult: uma velha expressão na boca da extrema-direita". Entrevista com Paulo Pachá. **Agência Pública**. 30 de abril de 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/04/deus-vult-uma-velha-expressao-na-boca-da-extrema-direita/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

_____. Deus vult: uma velha expressão na boca da extrema direita. **OperaMundi**, 4 de mai. 2019. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/sociedade/58332/deus-vult-uma-velha-expressao-na-boca-da-extrema-direita>. Acesso em: 05 mar. 2021.

_____. Nasce o cinema olavista. **Agência Pública**, 9 de agosto de 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/08/nasce-o-cinema-olavista/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

SANTOS, Frederico Rios. "O que se entende por Retórica da Guerra Cultural?". **Domínios de Lingu@gem**. Uberlândia. Vol. 15, n.1, jan.-mar. 2021, p.180-227.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista**. Campinas, SP: Unicamp, 2020a.

_____. "Guerra pela Eternidade" desvenda a base ideológica que funda a nova direita. In: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2020/12/10/guerra-pela-eternidade-desvenda-base-ideologica-que-funda-nova-direita>, 2020b. Acesso em 05/03/2021.

VAZ, João José Rosmaninho Loureiro. **De Alexandria ao identitarismo: presenças gnósticas na direita radical contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Estudos sobre a Europa). Universidade Aberta, 2018.

SOBRE O AUTOR

Francisco Thiago Rocha Vasconcelos é doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP); docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Recebido em 06/03/2021

Aceito em 22/04/2021